

Covas e ACM recusam candidatura

Embora já chamados de 'presidente' em seus partidos, ambos acham discussão precipitada

BRASÍLIA

Embora aclamados em seus respectivos partidos como potenciais candidatos à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso em 2002, nem o tucano Mario Covas nem o pefelista Antônio Carlos Magalhães querem, por ora, aceitar o papel. Tanto para o governador de São Paulo quanto para o senador baiano, o lançamento de candidaturas agora é precipitado e até pode atrapalhar o Governo, do qual são aliados.

Covas — que chegou a ser chamado de presidente pela secretária da Administração Federal, Cláudia Costin — chega a achar a discussão neste momento uma violência contra a vontade popular, que reelegera Fernando Henrique há poucos meses. Num recado indireto aos pefelistas, que na semana passada aclamaram Antônio Carlos, disse que é de se esperar que uma candidatura agora fique contra a que o presidente certamente deverá apoiar no futuro:

— Uma candidatura que se apresentar agora se colocará contra a candidatura que o presidente lançará, a menos que seja ela própria. Portanto muda a posição de quem hoje está do lado do presidente — disse Covas logo ao chegar ao Hotel Nacional, onde acontece hoje a convenção nacional do PSDB, jogando um balde de água fria nos tucanos que gostariam de vê-lo candidato.

O governador paulista disse ainda que não é vontade do PSDB romper a aliança que dá hoje sustentação ao Governo Fernando Henrique. E alertou que dificilmente a aliança resistirá ao lançamento de múltiplas candidaturas, ainda mais com tanta antecedência, na medida que os candidatos que não forem apoiados pelo presidente naturalmente deverão se opor ao Governo.

— Quando uma candidatura nasce, ela tem de se posicionar em relação às coisas existentes, inclusive o Governo — explicou.

ACM conversa sobre assunto diretamente com FH

No mesmo tom de Covas, Antônio Carlos também condenou o lançamento de candidaturas agora.

— Acho que ainda é cedo. O partido deve dizer se terá ou não candidato, mas lançar um nome pode perturbar o Governo de Fernando Henrique. O governador Mario Covas disse isso e eu acho que ele tem razão — afirmou ontem o presidente do Senado, uma semana após a convenção do PFL que decidiu por ter candidato próprio na próxima eleição presidencial.

O senador, que deixou a convenção dizendo que sairia candidato “se as bases pedirem”, conversou ontem de manhã com o próprio presidente Fernando Henrique sobre as candidaturas precoces. Antônio Carlos disse que manifestou sua preocupação com as crises políticas que essas candidaturas podem trazer agora para o Governo, mas não contou o que Fernando Henrique respondeu.

Depois do encontro com Antônio Carlos, Fernando Henrique aproveitou a



NO SEMINÁRIO DE ontem do PSDB, preparatório para a convenção de hoje, Mendonça de Barros, Yeda Crusius, Celso Lafer, Teotônio Vilela, Mario Covas e Franco Montoro

Roberto Stuckert Filho

reunião que teve em seguida com o ministro das Comunicações e articulador político do Governo, Pimenta da Veiga, e com seu líder na Câmara, Arnaldo Madeira (PSDB-SP), para pedir que não deixem as disputas políticas atrapalharem a recuperação econômica do país, sejam internas, de um mesmo partido ou entre a base aliada.

Porta-voz: “A hora é de fortalecer o Governo e a economia”

O porta-voz do Planalto, Georges Lamazière, disse que o presidente acha que o lançamento precoce de candidaturas à sua sucessão podem atrapalhar a retomada do desenvolvimento econômico.

— O presidente acha que este é o momento para todos os parlamentares da base buscarem fortalecer o Governo e a economia, como vêm fazendo o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, e o governador Mario Covas. Sobre o lançamento da candidatura do governador Covas, o presidente tem a mesma opinião dele: considera que não é a hora de se discutir esse tema, apesar de todas as virtudes de Covas e do grande papel que ele desempenha e desempenhará no PSDB — disse Lamazière.

Apesar do entusiasmo com uma possível candidatura de Covas, alguns dos principais quadros tucanos preferem, neste momento, um pouco mais de cautela. O ministro da Educação, Paulo Renato Souza, por exemplo, admitiu que, se tivesse de escolher hoje seu candidato à sucessão de Fernando Henrique, não teria dúvidas em apoiar a candidatura de Covas. Mas, assim como o governador, ele também vê com preocupação a antecipação do calendário eleitoral:

— O PSDB, neste momento, tem é que governar e implantar a sua agenda positiva, que é o programa Mãos à Obra 2.

Pimenta da Veiga, compartilha a mesma opinião.

— Covas é o candidato informal, porque esta é a vontade do partido. Não há mal nisso. O que o partido não pode fazer é antecipar o calendário eleitoral. Falar em candidatura agora não é positivo — afirmou.

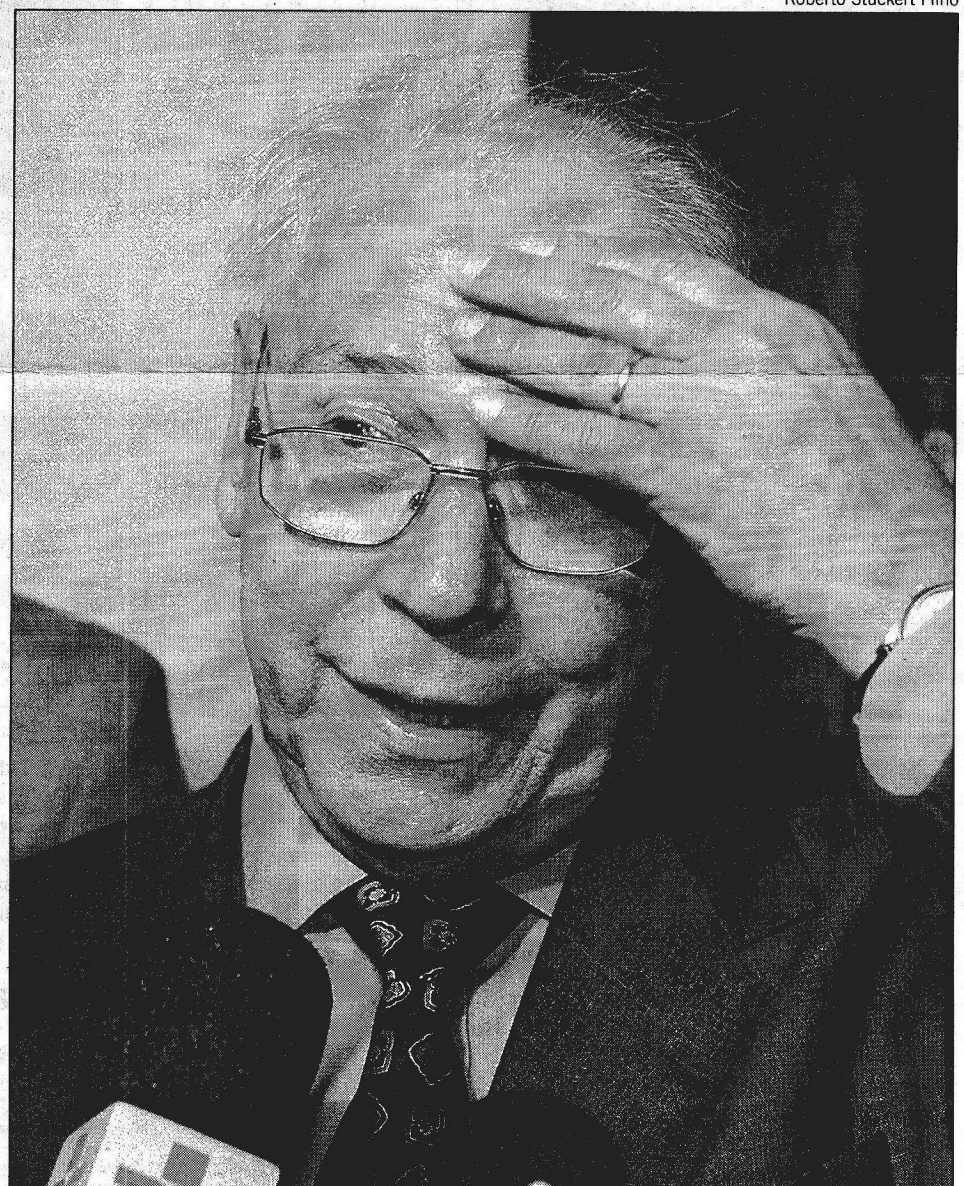
Disputa e mal-estar nos bastidores da convenção do PSDB

Covas encerrou ontem o seminário organizado pelo PSDB, preparatório para a convenção de hoje. Nos bastidores, ainda se travavam as últimas brigas pela composição da nova Executiva Nacional do partido. Ao ter antecipado na véspera um acordo da cúpula tucana, pelo qual será o novo líder do Governo no Congresso e o deputado Márcio Fortes (PSDB-RJ) deverá ser eleito secretário-geral do partido, o deputado Arthur Virgílio (PSDB-AM) acabou criando um clima de mal-estar entre os tucanos.

— Tem muita gente se anunciando, mas quem anuncia o nome dos líderes do Governo é o presidente — ressaltou Madeira, líder do Governo na Câmara.

O deputado Ronaldo Cezar Coelho (PSDB-RJ), que disputava a liderança do Governo no Congresso com Arthur Virgílio, não escondeu sua irritação e assegurava ontem que continuava no páreo. Mas no Planalto a confirmação da indicação de Virgílio já era dada como certa e deverá ser oficializada até terça-feira.

— Continuo candidato e desconheço que o presidente já tenha feito a sua escolha — dizia Ronaldo no início da tarde. ■



COVAS: “UMA candidatura agora muda a posição de quem hoje está do lado do presidente”